Divulgação

Unidade Aldeia da Serra do Pueri Domus, uma das duas não adquiridas pela SEB na transação

DANÇA DAS CADEIRAS

Venda do Grupo Pueri Domus revela tendência de concentração de mantenedoras de escolas

No final do dia sete de julho, os pais e alunos do colégio Pueri Domus, escola paulistana com mais de 40 anos de atuação, receberam, pelo sistema on-line, uma carta que anunciava a venda da escola para o Sistema Educacional Brasileiro (SEB), mantenedor do Sistema COC e do Grupo Educacional Dom Bosco. O texto, entre outras coisas, assegurava a manutenção da filosofia e dos valores do Pueri, bem como da equipe de educadores e colaboradores administrativos. No total, o valor da compra foi de R$ 41,5 milhões, sendo R$ 32,9 milhões pagos no fechamento da operação e os R$ 8,6 restantes referentes à assunção da dívida da instituição.

"A transação foi efetuada com essa condição: de que a marca Pueri fosse mantida", explica a diretora-geral, Fernanda Zocchio Semeoni, filha da fundadora da escola, Beth Zocchio. A partir de 2007, conta, o Pueri Domus passou a ser assediado por uma série de companhias. "Começamos a olhar o mercado de maneira diferente. Como uma empresa de médio porte e familiar pode concorrer num mercado cada vez mais forte?", questiona. A conversa inicial da SEB com o Pueri, realizada no mesmo ano, aconteceu por conta de um plano de expansão da rede de ensino: entrar nas grandes capitais e nas regiões mais populosas do Brasil. "Eles optaram por entrar num patamar de escolas classe A, que é o caso da nossa", relata Fernanda. Segundo o diretor financeiro e de relação com investidores da SEB, Marco Rossi, as duas unidades que continuam sob a gestão do próprio Pueri (Araraquara e Paineiras) não integravam o foco da linha de negócios da SEB. "São unidades pequenas, antieconômicas", explica Rossi. A previsão é de investimentos na área de tecnologia das escolas adquiridas. "Vamos incrementar a experiência de aprendizagem com lousas digitais e aulas 3D, por exemplo", diz.

Sobre as reações à mudança, Fernanda relata que foram diversas. "A grande preocupação é o rompimento

de vínculo afetivo com a equipe do colégio. Mas tanto educadores como pais têm a percepção de que pode ser uma boa chance", afirma.

Para o professor da Faculdade de Educação da USP Romualdo Portela, aquisições e fusões no mercado educacional revelam uma tendência inerente à atual ordem econômica. O que está acontecendo, diz ele, é que empresas muito capitalizadas estão comprando as menos capitalizadas. "A previsão, em médio prazo, é de que as matrículas se concentrem nas mãos de poucos grupos. A maior parte do mercado vai ficar na mão de poucos", analisa. Romualdo aponta que, para se salvaguardar de possíveis críticas em relação ao desempenho acadêmico nas escolas adquiridas, empresas como a SEB apostam nos resultados de avaliações do governo federal, como o Enem e a Prova Brasil. "Se o argumento é esse, não há prejuízo na qualidade de ensino", diz.

De janeiro a maio de 2008, ocorreram 20 fusões ou aquisições no segmento educacional. Em todo o ano, houve 53 operações

Luís Motta, sócio da área de fusões e aquisições da consultoria KPMG no Brasil, analisa o quadro de maneira diferente. O aquecimento do mercado educacional começou em 2007, a partir da abertura de capital na bolsa de quatro grandes empresas: SEB, Kroton, Anhanguera e Estácio (as duas últimas atuam no ensino superior). De janeiro a maio de 2008, ocorreram 20 fusões ou aquisições no segmento - no total, foram realizadas 53 operações ao longo daquele ano. Entre janeiro e maio de 2009, entretanto, o número caiu para quatro. "No embalo da crise econômica, as empresas optaram por integrar e consolidar as empresas adquiridas anteriormente", explica Luís. Apesar de reconhecer a tendência de que as matrículas se concentrem nas mãos de poucas empresas, ele pondera que ainda há escolas públicas e particulares no mercado. "Não é o caso desse tipo de concentração acontecer. Há varias outras opções de escola. É um mercado pulverizado que tende a se profissionalizar", afirma. **(Beatriz Rey)**

REY, Beatriz. Dança das cadeiras. **Educação**, São Paulo, ano 12, n. 148, p. 64-65, ago. 2009.